

10/3/1970.

Opiniões

Conceição Arruda TOLEDO

Engraçado!... Enquanto eu me bato desesperadamente, praticamente sòzinha, por um Museu Municipal, para esta mui querida cidade, que não sendo meu berço natal, me é mais cara de que se o fôsse, todos os dias leio opiniões esparsas aqui e ali, incentivando as autoridades a usar da picareta criminoso, para pôr abaixo o prédio destinado a abrigá-lo.

E são campineiros natos aquêles que assim agem, como também o são aquêles que não esperam mesmo outra coisa...

Alegam que o prédio não apresenta condições de sobrevivência; que êle não tem valor histórico; que está atravancando o progresso da cidade; e acusam os que tomaram a iniciativa de sugerir ao Patrimônio Artístico e Histórico o seu tombamento para tal finalidade.

Discordo, e discordarei até o fim, de todos os que assim pensam. Mesmo que tôda a cidade seja arrastada a êsse furor demolidor, continuarei defendendo o mesmo ponto de vista inicial. E afianço-lhes que não é "turrice", pelo contrário, é convicção lúcida, bem amparada por gente de visão, que realmente entende do assunto.

O prédio está judiado, em estado deplorável de conservação, porque as administrações que por lá passaram, permitiram as mutilações, e descuidaram de tratá-lo convenientemente, quando ali funcionava, justamente, a Prefeitura Municipal. Mas ninguém pode dizer que êle esteja em ruínas; que êle apresente perigo em suas fundações, como o fizeram com o Teatro Municipal, pôsto abaixo atabalhoadamente, diante de uma população passiva e indiferente, com o consentimento de uma grande parte dos políticos em exercício, surdos como agora, aos muitos apelos que pela imprensa eu mesma dirigi, apoiada, por uma meia dúzia de visionários, idealistas ou "loucos", e que até hoje é chorado e reclamado, continuando tão no chão como o deixaram, porque ainda não se cogitou nem sequer "onde" elevar o nôvo teatro, sendo revogado tudo quanto se havia firmado a seu respeito, inclusive o projeto vencedor do concurso, etc. etc. Se tivesse surgido a reação solicitada, talvez tivéssemos ainda hoje um Teatro Municipal para os grandes espetáculos e orgulho nosso.

A lição não foi aprendida, e duvido de que o seja! Perdi aquela batalha, e poderei perder também esta, porque infelizmente, nem sempre a razão está com o mais forte. E contra a força não há argumentos. Quem tem poderes nas mãos, mesmo que sejam transitórios, ~~emprastados~~ pela boa fé de todo um povo, ou quem pode fazer correr facilmente o "vil metal", sempre tem maiores probabilidades de ganhar uma batalha. O que me ~~alimenta~~ a esperança ainda, é que a última palavra, deverá partir do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, em cujo bom senso podemos fé.

Agora permitam-me os senhores da ala contrária, a invocação de nomes valorosos, de gente de comprovada capacidade no assunto, a indiscutível honorabilidade, para reforçar a minha modesta opinião.

Logo que se cogitou da demolição, Guilherme de Almeida, notabilidade em Heráldica e História, deu mais ou menos o seguinte parecer: o Palácio dos Azulejos pertence a um estilo todo nosso, que nasceu com a Pátria, ao qual êle denominou "monárquico-brasileiro". Todo revestido de azulejos, com alegorias mitológicas no cimalhão, clarabóias de vidro de côr, despejando luz irisada sôbre dois mouros negros venezianos do ádito, que empunhavam o lampadário ou a salva para os cartões de visita...

Dizem agora que o prédio não é histórico. Aí está, para contestar, uma opinião abaladíssima. Antes de morrer, Guilherme foi levado a visitar o prédio pelo ex-prefeito Rui Novaes, e não mudou uma vírgula em seu modo de pensar, apesar das alterações. Dizem que não sobrou nada do que lá havia de artístico. Histórias!

Tenho cá, ante meus olhos, recorte de jornais de pouco antes do tombamento, em que o fotógrafo fixou a bela clarabóia, a que se referiu Guilherme de Almeida, os magníficos entalhes, as estátuas de faiança portuguesa enfeitando a platibanda do Palácio dos Azulejos, mandadas colocar por seu primeiro proprietário. Joaquim Ferreira Penteado, Barão de Itatiba; os gradis, trabalho artesanal de técnicos dos últimos anos oitocentistas; alguns tetos entalhados e pisos decorados no estilo mosaico. Tudo isso ainda existe. E isso é arte, minha gente! Celso Maria de Melo Pupo, outro grande conhecedor do assunto, afirmou ser o Palácio dos Azulejos "um dos principais símbolos arquitetônicos de uma época áurea."

O arquiteto Waldemar José Strazacappa, tido como um dos maiores nomes do estilo colonial, também se manifestou contra a derrubada do prédio, reconhecendo-lhe valor histórico.

A condessa Iolanda Penteado, sobrinha do Barão de Itatiba, proprietária da Fazenda Emyrio, ainda há pouco, manifestou-se completamente contrária à demolição do Palácio, diante de alta personalidade municipal, que sabe muito bem o que pensa a grande dama, patrocinadora de artes no Brasil.

Agora surge a opinião de Jolumá Brito, reforçando o meu parecer, endossando a causa pela qual me bato. Outros nomes aparecerão, espero, para formar o batalhão em defesa dêsse Patrimônio Municipal.

Muitos prédios que contavam a história de Campinas na época de seu fausto, foram demolidos por mãos criminosas, de gente sem visão e sem amor às nossas tradições. Pouco nos resta da Campinas antiga, do tempo em que o campineiro era bairrista, orgulhoso de seu nome, de sua cidade, das tradições de cultura, prestígio e riqueza. Parece que hoje em dia está fora de moda cultivar o passado, respeitar os marcos culturais de uma época de feitos notáveis e nomes ilustres... A nova mentalidade reinante, não vê mérito em nada, a não ser nas aparências... A grandeza de fachada... a altitude dos arranha-céus... a imponência dos exteriores... Depois reclamamos contra os jovens que se desligam do passado!

Como poderão cultivar aquilo que desconhecem? Como acreditar nas abstrações que lhe são apresentadas? E' desoladora a conclusão a que chegamos! Não encontramos apoio dentro da comunidade, absorvida pelos interesses materiais. Ferisse-lhe a "bolsa" e impostos predial e territorial. Nunca vi tanta coesão em Campinas! (Em oito anos que aqui resido, foi essa a primeira vez!) Não sou contra o progresso de Campinas. Amo-a muito, todos sabem. Não é porque um pequeno trecho fique impossibilitado de possuir arranha-céus, que o progresso será cercado. Não generalizemos amigos! Pensemos antes no que iremos ganhar com a instalação do Museu, numa cidade universitária, com tantos estabelecimentos de ensino, como a nossa. Com boa vontade, veremos que as vantagens superam de longe, aquêles pequenos inconvenientes.